

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE SÃO PAULO
FACIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DEPENDÊNCIAS, ABUSOS E
COMPULSÕES

A ABORDAGEM CINEMATOGRAFICA DAS DEPENDÊNCIAS

Uma análise do filme “Réquiem para um sonho”

ANA DÓRIS DA SILVA

CAMILA DE OLIVEIRA URBEN

GERALDO ANTÔNIO BALBUENA DE ARAUJO

MARLÚCIA FIDELIS PIERI

MAIO/2012

ANA DÓRIS DA SILVA
CAMILA DE OLIVEIRA URBEN
GERALDO ANTÔNIO BALBUENA DE ARAUJO
MARLÚCIA FIDELIS PIERI

A ABORDAGEM CINEMATOGRAFICA DAS DEPENDÊNCIAS
Uma análise do filme “Réquiem para um sonho”

Monografia apresentada ao Programa de pós-graduação da Faculdade de Ciências da Saúde - FACIS, por intermédio do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa - IJEP como requisito para obtenção do título de especialista em Dependências, Abusos e Compulsões.

Orientador: Professor Dr. Waldemar Magaldi.

**A todos que, de alguna forma buscam
amar e servir.**

AGRADECIMENTOS

Considerando esta monografia como resultado de uma caminhada que não começou na sala de aula do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa - IJEP, agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa.

Para não correr o risco da injustiça, agradecemos de antemão a todos que de alguma forma passaram pelas nossas vidas e contribuíram para a construção de quem somos hoje, assim como agradecemos especialmente a todos – familiares, amigos, professores, pacientes/clientes, que contribuíram, direta e/ou indiretamente, na construção deste trabalho.

RESUMO

A abordagem cinematográfica das dependências – Uma análise do filme “Réquiem para um Sonho” propõe questionar e trazer algumas respostas de como se estabelece o processo de adição, elegendo algumas visões que possam contribuir, ampliar e tornar o debate sobre o assunto mais instigador. Após um breve relato sobre o filme em si – sem qualquer apanhado técnico ou teórico – traz-se para discussão algumas variáveis que podem potencializar o uso e a dependência de drogas psicoativas. As próprias drogas como objetos de desejo e sua ação sedutora sobre o corpo e a psique do indivíduo – considerado também as sequelas que podem provocar. Saliente-se que procuramos nos deter mais especificamente na heroína e na anfetamina, drogas mais usadas no filme. Além das substâncias em si, procura-se evidenciar alguns aspectos da vida moderna que podem concorrer para o aumento do consumo e dependência de substâncias psicoativas. Nesse ponto, as pesquisas sobre os trabalhos de Kalina e Kovadloff foram essenciais. As possibilidades cada vez menores das pessoas se realizarem na sociedade ocidental, em consequência, principalmente, da coisificação, do progresso e sucesso como valores sublimes não deixam espaço para todos. A busca da droga pode ser uma consequência disso para aqueles que não se enxergam no pódio imaginário de suas vidas. É levantada também a tendência autodestrutiva do homem moderno (existência tóxica) como fator a ser considerado nesta potencialização da adição. O mito também é trazido como um véu que pode encobrir a dança dos arquétipos na dependência química. Por fim, é abordada a contribuição da psicologia analítica – embasada na teoria de Carl Gustav Jung – na leitura da adição, considerando os aspectos sombrios da psique, as relações primárias (ou falta de), as fraturas psíquicas que se escondem por trás do comportamento compulsivo da dependência química.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Junguiana. Dependência química. Relações familiares.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”

Madre Tereza de Calcutá

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
Figura 01 - Anfetamina	20
Figura 01 - Heroína	22
Figura 03 – O Castigo de Sísifo	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - O FILME.....	13
CAPÍTULO II - QUADRO TEÓRICO.....	17
3.1 - A Droga – O Objeto do Prazer e da Dor	17
3.2 - Olhando para Fora.....	23
3.3 - O Mito de Sísifo – Uma Metáfora Possível	27
3.4 - Olhando para Dentro.....	29
CAPÍTULO III – A ANÁLISE DO FILME À LUZ DO QUADRO TEÓRICO	38
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

O crescente aumento do consumo de drogas atualmente, somando a um número considerável de pessoas que se tornam dependentes delas, traz uma intensa apreensão por parte dos profissionais da área de saúde, entre outros, na busca de maiores conhecimentos sobre este fenômeno.

Este trabalho pretende propor uma reflexão sobre a complexidade, os desafios e as exigências cada vez maiores relacionadas ao estudo da dependência química, com a forma lúdica, atraente e enriquecedora do cinema.

Para muitos ocorrerá o questionamento sobre o que tem a ver o cinema com o estudo da dependência química. Mas, na verdade, neste mundo cada vez mais globalizado e sem fronteiras, é importante e talvez fundamental, contextualizar de forma sistêmica as diversas áreas do conhecimento, dos saberes e das artes em geral.

Em outras palavras, poderíamos dizer que “tudo tem a ver com tudo”. Assim como o Super-Homem, que já foi tantas vezes mostrado nas telas do cinema, a dependência química, em especial por tratar-se de tema de alta complexidade, também precisa ter suas características visualizadas através de novos referenciais, métodos e tecnologias.

Por intermédio dos personagens do filme sob análise, verificaremos como o cinema pode ser uma poderosa ferramenta para conduzir à reflexão, não apenas os profissionais e interessados pelo tema dependência química, mas principalmente toda a sociedade.

Há mais de um século que o cinema é uma das artes que exerce forte influência no comportamento e na cultura da sociedade mundial. Encantados com os personagens e com a trama que os envolve, os indivíduos procuram repetir não apenas os comportamentos, mas também as roupas, os acessórios, as falas – em especial os jargões.

Segundo Maria Carolina Pedalino Pinheiro (2000), no livro – Marcas de um Anjo:

entre os quadros psiquiátricos demonstrados pelo cinema, a exposição o uso de drogas tem recebido grande destaque, com diferentes abordagens, tais como a dependência, as internações, tanto em hospitais psiquiátricos quanto em clínicas, a desintoxicação, as questões relacionadas ao narcotráfico, a violência, os conflitos e as tensões familiares.(sic)

Observa-se que por meio do cinema a sociedade pode perceber os malefícios da droga – em especial a heroína. Não obstante, quando se trata de drogas lícitas e até mesmo da maconha, as imagens remetem a situações prazerosas, gerando uma imagem positiva dessas drogas.

Em geral, os filmes que apresentam o uso de substâncias psicoativas como tema central, trazem esse conteúdo de maneira mais real, apresentando também suas conseqüências e prejuízos.

O filme “Réquiem para um sonho” é um valioso instrumento para profissionais que desejam atuar na área de tratamento da dependência química, uma vez que mostra a realidade cruel sobre a adicção e a “transmutação” do personagem que está sob o efeito das drogas, traduzindo assim, fenômenos complexos para uma linguagem acessível e ilustrativa.

Conforme apresentado inicialmente, os usuários de substâncias psicoativas, a cada ano, ganham novos números, ocasionando aumento gradativo nas estatísticas acerca da adicção, o que indica a necessidade de mais atenção para essa parcela de indivíduos.

A dependência química, usualmente é abordada como uma transgressão moral e como uma doença existente a partir de si mesma, decorrente de tal transgressão. Diante

dessa constatação, faz-se necessário questionar esse axioma, considerando alguns outros aspectos que poderiam potencializar a drogadicção.

Assim, buscaremos acrescentar novos saberes na área da psicologia analítica, com novos questionamentos acerca dos aspectos sombrios e suas manifestações, em especial no que se refere ao uso abusivo de substâncias psicoativas e seu impacto nas relações culturais, familiares e sociais.

Desta forma, nosso objetivo principal é analisar, à luz da teoria junguiana e de outros pesquisadores, os reflexos do uso abusivo de substâncias psicoativas nas relações culturais, familiares e sociais, levando em conta a abordagem cinematográfica do tema, baseados nos comportamentos dos personagens e seu contexto, além de contribuir com a ciência da psicologia analítica, gerando novos saberes acerca dos aspectos sombrios dos personagens e suas manifestações no que se refere ao uso abusivo de substâncias psicoativas.

Em razão disso, levantamos o questionamento acerca da possibilidade de os aspectos sombrios existentes na base da personalidade de um indivíduo contribuírem para levá-lo ao uso de substâncias psicoativas.

Nossa hipótese é que o uso de substâncias psicoativas passa a representar um “sentido de vida” para o indivíduo, uma vez que este se utiliza das drogas para buscar a felicidade e esquecer as dificuldades nas relações familiares, culturais e sociais.

O presente projeto adotou a metodologia de pesquisa teórica a fim de buscar entender as informações referentes ao tema em profundidade, por meio de suas descrições, comparações e interpretações. A partir da revisão bibliográfica será possível a coleta de dados acerca dos fenômenos analisados. Para tanto, serão realizadas pesquisas em literatura específica, assim como outros autores com base na teoria Junguiana, em artigos acadêmicos científicos e revistas científicas.

Dessa forma este trabalho está estruturado em 03 (três) capítulos os quais serão elaborados com base nas referências obtidas desde o título do mesmo, conforme segue:

Capítulo 01 – O filme

Neste capítulo serão apresentados os principais personagens do filme sob análise, indentificando-os em seus contextos sócio, cultural e familiar, observando seus comportamentos.

Capítulo 02 – Quadro teórico

Neste capítulo serão apresentados os principais conceitos da teoria junguiana, juntamente com as reflexões trazidas por outros estudiosos do assunto drogadicção.

Capítulo 03 - A análise do filme à luz do quadro teórico

Neste capítulo faremos a relação entre as observações registradas a partir do filme e o quadro teórico.

Assim, passamos ao primeiro capítulo, “O Filme”, como pano de fundo que viabiliza a construção do trabalho.

CAPÍTULO I - O FILME

O Filme Réquiem para um Sonho é um retrato fiel da realidade do mundo das drogas, uma vez que aborda de forma envolvente e realista a situação a que pode chegar um indivíduo que passa a depender de substâncias entorpecentes.

Considerado uma obra prima por retratar o mundo das drogas e mostrar os efeitos nefastos e devastadores delas, conta a história de quatro pessoas que se envolvem com drogas, devido a situações as mais adversas possíveis, levando, passo a passo, seus protagonistas do sonho inicial ao pesadelo final, que é a fissura do vício de drogas ilegais e o uso de drogas legais que, no início, usadas para aliviar tensões acabam por levar ao precipício aqueles que delas se utilizam, transformando o espaço no qual viviam, em um ambiente amargo de pesadelos, tristezas e falta de perspectivas, até a ruína final que se materializa pela internação forçada, a prostituição, o mundo do crime.

O filme mostra a trajetória de quatro personagens interligados entre si por laços familiares, amorosos e de amizade desvendando, numa visão radical, o resultado do vício e do consumo de drogas que vão desde maconha, anfetamina (droga lícita) às drogas mais pesadas.

Harry (ou Harold), filho de Sara, namorava Marion e era amigo de Tyrone e tinham em comum a solidão que só se amenizava no consumo de drogas (heroína). Cabe salientar a cena inicial do filme, onde Harry aparece “roubando” – pela enésima vez – a TV da mãe para vendê-la comprar heroína e a culpando por ter deixado a televisão presa a uma corrente que estava amarrada no aquecedor. Harold manipulou a mãe em uma abordagem

de total inversão de perspectiva, afirmando que ela não poderia fazer isso com ele, seu filho, sangue do seu sangue. Pergunta a mãe qual a sua intenção: seria deixá-lo culpado ou que ele colocasse fogo no apartamento em função do aparelho estar preso no aquecedor? Sara, mais uma vez, cede e lhe entrega a chave por baixo da porta (ela estava escondida em um dos cômodos do apartamento para não ser persuadida fisicamente). Na cena seguinte, Sara vai recomprar sua TV no mesmo lugar das tantas vezes passadas – como lhe salienta o próprio receptor.

No meio desse enredo, Sara – uma senhora madura, solitária, que sofre pela ausência do marido e do filho que acabara de sair de casa, passa seus dias a frente da mesma TV – que seu filho, vez ou outra, “trampa” (vende para fazer dinheiro para a droga) – que acalentada pelo sonho de aparecer em um programa de televisão esforça-se para emagrecer e caber no vestido que usou no dia da formatura de seu filho. No início, um regime seria a solução, mas que não deu resultados práticos e ela então procura um médico que lhe receita anfetaminas que são aumentadas desmesuradamente, até que a loucura se estabelece, levando-a a alucinações cada vez mais assustadoras e, no final, a anorexia e ao tratamento que culmina com internação forçada em um hospital psiquiátrico.

Harry, dependente químico, empenhava objetos da casa de sua mãe para obter drogas até que consegue, em parceria com seu amigo Tyrone, uma forma de ganhar dinheiro adulterando drogas puras e revendendo-as. Em certos momentos, Harry e seus cúmplices chegaram a vivenciar seus momentos de sucesso e afagaram com proximidade, cada qual, seus sonhos. Harry, até comprou uma televisão nova para sua mãe – num movimento de amor e culpa. Adaptou sua “função social” ao se apresentar a sua mãe como um empresário, ou melhor, um distribuidor, representante de uma empresa internacional. Deixando mais alegre os dias vazios da sua mãe sonhadora.

Sua namorada, Marion, com sérios problemas de relacionamento familiar, abdica de seus sonhos e de uma vida confortável, que poderia ser proporcionada por seus pais, para se envolver, ao lado do namorado, nas mais tristes situações pela busca e uso da droga, que passa a ser o cardápio principal de suas jornadas de vida. Marion também tinha um sonho – ser estilista ou designer de moda. Mas a busca frenética pela droga, faz com que Marion também passe a vender seu corpo para se esconder em momentos efêmeros de prazer que a heroína lhe proporcionava.

Tyrone (Ty) é um personagem negro, representante dos guetos de Nova York, que sabe os “atalhos” das ruas e é cúmplice de Harry (seu amigo) no planejamento e execução das ações para materialização de seus sonhos de independência financeira – mesmo que por meio ilícito. Tyrone é um amigo que compartilha quase todos os momentos com o Harry – da picada da agulha, à viagem inacabada à Flórida para buscar droga, em um ato de total desespero, no auge da fissura. Ty também sonhava, como ele mesmo afirma em uma de suas falas: “Não andar mais de tênis furado e o nariz escorrendo.” Em várias cenas, Ty aparece lembrando (ou fantasiando) estar recebendo o colo da mãe.

Dirigido por Darren Aronofsky e estrelado por Jared Leto, Marlon Wayans, Jennifer Connelly e Ellen Burstyn, *Réquiem para um Sonho*, levado às telas em 2002, busca mostrar de forma real e cruel as situações a que as drogas podem levar o ser humano sem amenidades, intervenções de ajuda ou envolvimento familiar de cada um dos protagonistas. Solitários entre si, levam o filme a um clímax capaz de fazer o espectador parar na mesma hora e pensar: Não se pode querer isso para alguém. Nem para nossos maiores inimigos.

O filme tem um roteiro tenso e denso retratando de forma imparcial a vida destas quatro pessoas mostrando, claramente, o que as levou ao mundo das drogas. Harry: talvez a falta do pai, a ignorância da mãe. Sara: a solidão e a eterna espera pela volta do marido que o filme não explicita o que lhe aconteceu. Marion: o desprezo e a ausência dos pais e de qualquer envolvimento familiar que não fosse seu namorado Harry. Tyrone: negro e sonhador, advindo das castas mais pobres de Nova York busca nas drogas a perspectiva de um futuro digno que jamais se materializou. E é exatamente ele que sofre a discriminação maior, que amarga a prisão e a insensibilidade da polícia.

O filme mostra que a sociedade capitalista norte americana não se importa com o problema das drogas, tratando-a única e exclusivamente como um caso de polícia e, em último caso, como um desvio de comportamento, o que se expressa na forma de tratamento recebidos por Tyrone e por Sara.

Enfim, havia um mundo de sonhos, de metas a serem atingidas por todos os personagens, mas que foram tragados pelos caminhos traçados por cada um. A ilusão das drogas foi trocada pela realidade cruel que cada um amargou. Na próxima parte deste trabalho, trataremos alguns embasamentos teóricos para auxiliar na leitura do tema adicção e na “re”-

visão

do

filme

sob

análise.

CAPÍTULO II - QUADRO TEÓRICO

Dependendo do referencial teórico, dentre outras variáveis, pode-se abordar as questões que levam ao uso de substâncias psicoativas ou a dependência química de formas totalmente diferentes – complementar ou divergente; profunda ou superficial; com certeza absoluta ou gerando questionamentos. O embasamento teórico funciona como uma lente pela qual o objeto, o assunto é enxergado, analisado, em suma, “lido” e avaliado.

A partir desse intróito, permitimo-nos dividir ou “ler” a questão em quatro facetas – sem a pretensão de que sejam as únicas: a droga e suas características, detidamente nas duas mais usadas no filme – anfetamina e heroína; aspectos externos ao sujeito; o mito, como uma forma de leitura da dependência; e, por fim, aspectos internos que pulsam no indivíduo.

3.1 - A Droga – O Objeto do Prazer e da Dor

Olievenstein (1988, p. 8) ao referir-se aos toxicômanos afirma que “[...] a experiência direta e imediata com essa forma nova do Divino dentro deles mesmos (e que não encontram no mundo exterior) justifica todos os riscos que, neste caso, eles aceitam.” Lendo-se essa assertiva nota-se que existe algo de numinoso no consumo das substâncias psicoativas, que proporcionam sensações sobre-humanas e inebriantes (literalmente) como o canto da sereia.

Essa parte do trabalho dedica-se a explorar aspectos das drogas mais utilizadas no filme “Réquiem para um Sonho”: anfetamina e heroína.

Anfetamina, também conhecida como bolinha ou *speedy* – classificada pela Lídia R. Aratangy (2010, p. 48) entre as drogas Estimulantes – é um composto químico utilizado para ampliação dos limites naturais do corpo, sintetizado desde a década de 20 do século passado. Seu primeiro uso médico foi para aliviar os sintomas da asma, obtido pela inalação de sais de benzedrina, um tipo de anfetamina. Esse medicamento era vendido em todas as farmácias sem receita médica ou algum tipo de controle.

Logo se descobriu que o concentrado de benzedrina poderia ser injetado, obtendo-se efeitos parecidos com os da cocaína.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os soldados aliados se valeram do uso de anfetaminas para aumentar a resistência física e combater o cansaço. Após a guerra, era comum, nos Estados Unidos, os médicos receitarem anfetamina como estimulantes no tratamento de depressão ou para diminuir a sensação de fome em regimes para emagrecimento.

Atualmente, o uso de anfetamina com efeito antidepressivo é questionado e constata-se que a sua eficácia como moderador de apetite é limitada, devido ao rápido desenvolvimento de tolerância, que exige aumento compulsório da dose.

Essa droga é usada com sucesso em duas situações de patologia: disfunção cerebral mínima, um tipo específico de dificuldade de aprendizagem; e a narcolepsia, uma rara doença neurológica que leva a pessoa a entrar repentinamente em sono profundo, sem razão aparente, várias vezes durante o dia. A substância atua tipicamente como estimulante, isto é, sobre as sinapses, fazendo com que os neurotransmissores sejam liberados em maior quantidade e permaneçam ativos por mais tempo.

Os efeitos mais diretos das anfetaminas são a diminuição do sono e do apetite; e aumento da resistência física. Fazem parte do *mix* receitado pelos médicos que prometem o milagre da diminuição do peso sem esforço. São usadas também por motoristas que precisam viajar grandes distâncias, sem paradas. O antidoping foi criado para detectar (e inibir) o uso por parte de atletas para aprimorarem suas *performances*. Estudantes e profissionais que necessitam estudar ou trabalhar intensamente durante a noite também podem se valer das anfetaminas.

Essa substância interfere nos terminais nervosos periféricos, com mais evidência sobre os nervos que controlam o diâmetro das pupilas, que ficam dilatadas (midríase) e parecem aumentar o tamanho dos olhos. Sobre o sistema nervoso autônomo, os efeitos são a aceleração dos batimentos cardíacos e aumento da pressão sanguínea.

Os efeitos são sentidos aproximadamente após trinta minutos à ingestão oral. A secura na boca e a dilatação da pupila, como exposto acima, são sinais de que a droga já está atuando. Provoca também um estado de excitação física e psíquica, na qual se distinguem:

- a) expressão verbal acelerada;
- b) instabilidade psicomotora;
- c) ranger dos dentes;
- d) alergia pela água;
- e) sudorese, irritações cutâneas;
- f) às vezes vertigens e dores de cabeça, tiques e contrações musculares;
- g) mucosas ressecadas

As anfetaminas, como cápsulas, podem ser ingeridas e, se desfeitas ou diluídas em água, podem ser aspiradas ou injetadas. Após o consumo, seja por qualquer das vias utilizadas, a substância entra na corrente sanguínea, que a leva até o cérebro.

No caso de injeção, o efeito é imediato e descrito como “orgasmo pelo corpo todo” ao mesmo tempo em que surge um véu colorido diante dos olhos (OLIEVENSTEIN, 1988, p.53). A via endovenosa potencializa o poder de atração da anfetamina e acelera as conseqüências que serão descritas nos próximos parágrafos.

Com ênfase, a tolerância se desenvolve rapidamente e para continuar ativa por mais tempo, o aumento das doses aproxima-se muito depressa do limite fatal. Quando aumenta a experiência com a anfetamina, o dependente toma de três a 12 picadas por dia.

Em doses mínimas ou moderadas, produz sensação de alerta, melhora do humor, discreta euforia, diminuição do cansaço e aumento da capacidade de concentração. Na fase inicial do uso da anfetamina, pode provocar insônia e ansiedade, como também irritabilidade e agressividade. Essas sensações, muitas vezes, são combatidas com o uso do álcool ou tranquilizantes – em misturas que podem colocar em risco a vida do usuário.

Em dosagens abusivas, a droga deixa o comportamento confuso, desorganizado e provoca sensações de medo e desconfiança, alucinações e delírios, numa situação que chega a confundir-se com a esquizofrenia paranóide. Após o efeito e o uso freqüente da droga, em alguns casos, o indivíduo pode cair em sono profundo, que pode durar 24 ou 48 horas e, ao acordar, comer vorazmente.

Segundo Aratagy (2010), a dependência em anfetamina, em longo prazo, leva à fraqueza, desnutrição, agressividade, decorrentes da falta de alimentação e sono, além dos distúrbios psíquicos relacionados no parágrafo anterior. Na interrupção abrupta existe a possibilidade de aparecer a depressão e a fadiga, que podem se transformar em melancolia e durar meses, porém não acontece propriamente uma síndrome de abstinência.

Como veremos a seguir, os opiáceos (heroína) tem características totalmente distintas da anfetamina e provocam reações diferentes no usuário.



Figura 1 - Anfetamina

Heroína, da família das drogas tidas como Depressores (ARATANGY, 2010, p. 48), os opiáceos (ou narcóticos) são produtos derivados do ópio e são muito eficazes no uso medicinal de combate a dor (i.e.: morfina).

Pesquisas de historiadores demonstram que Hipócrates, na Grécia, receitava ópio para indisposições físicas.

Os opiáceos imitam, nas sinapses, a ação de algumas substâncias produzidas pelo próprio corpo para moderação das emoções e controle da dor. O poder dos narcóticos

reside em reduzir o grau de ansiedade e induzir ao sono (oposto do que vimos com a anfetamina), mesmo na presença da dor.

A partir do uso continuado do narcótico, o corpo diminui a produção de endorfinas – mecanismos naturais de controle da dor e moderação das emoções –, dessa forma a pessoa passa a necessitar cada vez mais do uso da droga. Isto explica o altíssimo poder viciante dos opiáceos.

A heroína não se origina diretamente do ópio, como a morfina, mas deriva de manipulação química desta. A heroína não tem aplicação medicinal, pelo menos aceita formalmente no campo científico, e sua capacidade de induzir a tolerância e desenvolver a dependência é maior do que a morfina, pois é de três a cinco vezes mais ativa do que esta, porém as horas de trégua são mais curtas – a cada duas ou três horas é preciso renovar a picada.

As sensações após uso (viagem) são sonolência, uma espécie de torpor e desligamento da realidade, acompanhada de um sentimento de bem estar. Não há propriamente alucinações, mas o sujeito se sente como se tivesse se abstraído da vida, o que é deveras tentador. Resumidamente, uma “sensação de estar envolvido em água morna” ou “[...] comparada à situação do feto envolvido no líquido amniótico, dentro do ventre da mãe” (OLIEVENSTEIN, 1988, p. 23 e p.26).

Estudos efetuados apontam para as seguintes alterações de comportamento e aspectos fisiológicos depois de uma dose da droga:

- a) contração das pupilas;
- b) distração;
- c) dificuldade para falar;
- d) irritações nas regiões do corpo em fricção com as roupas;
- e) fuga diante das agressões;
- f) estado de vigília interrompido por devaneios, sonolência;
- g) fotofobia;
- h) congestão e inchaço dos olhos;

Quando diminui o efeito da droga, irascibilidade, formigamentos, sudorese, bocejos, olhos lacrimejantes e corrimento nasal.

A síndrome de abstinência da heroína acontece rapidamente. Após poucas semanas de uso, a interrupção da droga provoca cólicas abdominais intensas e dolorosas, diarreia e vômitos, que podem levar a morte por desidratação. A síndrome de abstinência deve ser tratada como uma doença grave em virtude dos riscos envolvidos.

A forma mais comum de ingestão da droga é por via endovenosa. O usuário faz uma aspiração do seu próprio sangue com a agulha para misturar com a droga na seringa, logo após, a mistura é vagarosamente “devolvida” à corrente sanguínea. Geralmente, a seringa é compartilhada entre várias pessoas, o que por si só potencializa ainda mais os riscos a que ficam expostos os usuários, tais como a contaminações diversas (i.e.: Aids e hepatites). Estudos inferem que 60% dos heroínômanos contraem hepatites infecciosas.

Também são comuns problemas físicos no local da picada (veias), tais como flebites, fibroses e necroses. Em caso de overdose, há um estado de torpor evoluindo para uma situação de quase coma, com respiração lenta e irregular, diminuição das pupilas e cianose (coloração azulada ou roxa que aparece na pele, boca ou unhas). A pessoa pode vir a falecer, instantaneamente, ainda com a agulha enfiada na veia.

A dependência da heroína leva a perturbações orgânicas graves, tais como:

- a) digestivas e de nutrição;
- b) circulatórias, com tendências às lipotimias (perda da consciência, desmaios);
- c) neurológicas, semi-paralisia dos membros inferiores, tremores, hiperestesia;
- d) perturbações da memória e da vontade; e
- e) por fim, caquexia.



Figura 2 - Heroína

3.2 - Olhando para Fora

Eduardo Kalina e Santiago Kovadloff, argentinos, psiquiatra e filósofo, respectivamente, defendem a tese de que as pessoas têm cada vez menos a possibilidade de se realizarem na sociedade ocidental contemporânea, decorrente, principalmente, da coisificação e a busca do progresso como único valor estável. Segundo esses autores, essas características permeiam todas as relações do homem com o mundo e exigem dele alto desempenho constante, induzindo inevitavelmente ao uso de drogas, como uma forma de negar as constantes evidências do empobrecimento afetivo.

Os autores argentinos, citando José Ortega e Gasset, dizem que vivemos em um tempo de “bárbaros modernos” (KALINA e KOVADLOFF, 1978), cuja falta de tempo para assimilar a realidade cada vez mais dinâmica, a instabilidade e o sentimento de vazio que permeiam nosso cotidiano, levam a um vácuo psicológico e moral, com conseqüências gravíssimas e reivindicam compensações que, geralmente, são encontradas em comportamentos maníacos compulsivos e (ou) pelo uso de substâncias psicoativas.

Outro fator importante e que parece ser decorrente do exposto logo acima, é que o homem moderno não foi preparado para perder, portanto nem para assimilar as perdas, pois precisa vencer sempre (ou parecer vencedor) para obter o sucesso – outro valor dominante. Porém, essa lógica que não cabe no *script* da vida. No caminho, ocorrem perdas naturalmente – e de toda ordem. Com ênfase no ocidente, se busca o acúmulo sem

limites de bens e do progresso material e um firme propósito em recusar que a tristeza e a renúncia possam ter um sentido, a refletir sobre a mortalidade dos homens e das coisas.

Na atualidade, não são evocadas possibilidades de resgate de identidade do sujeito no seu empirismo histórico. Não são disponibilizados artifícios legítimos para lidar com as perdas físicas, psíquicas e sociais que o indivíduo de fato enfrenta. Não há possibilidade de vencer sem o sujeito se adequar aos modelos pré-definidos – os padrões da normose.

Compulsoriamente, vive-se de uma forma em que o gozo instantâneo, proporcionado pelos mecanismos disponíveis no aqui e agora, desperta a demanda pelo prazer imediato e compulsivo. Não há lugar para a angústia existencial ou vivenciar as perdas, já que estas apresentam ao indivíduo o avesso do êxtase de excitação exigido externamente.

Para sobreviver às perdas, é necessário um tempo para desaceleração e para cuidar da ferida (e, antes, enxergar a ferida). Tempo esse que o homem moderno não o tem, pois “tempo é dinheiro”, diz o dito popular. Sem esse prazo de luto, não há recuperação. E sem recuperação, o espaço de algo que não foi vivido adequadamente, precisa ser preenchido de alguma forma. Assim é como está estruturado o palco social, predispondo, dentre outras patologias, a disseminação das toxicomanias. Pode-se afirmar, assim, que a drogadicção é um dos mecanismos de fuga induzido pela sociedade para se esconder da ansiedade gerada pelas frustrações afetivas, que cada vez tem menos espaço. Não se trata simplesmente do desejo de consumir drogas, mas da impossibilidade de não consumi-las.

Kalina e Kovadloff (1978, p. 39) foram bastante enfáticos ao afirmarem que:

Num mundo onde o fundamental é comerciar, a eloquência importa muito mais do que a sinceridade; a astúcia é preferível à boa fé, a introversão dos afetos à cordialidade expansiva e sincera. O que faz, então, o homem com as suas necessidades emocionais? Onde vai achar o respeito que exige como pessoa? Quais as conseqüências do seu obrigado silêncio sentimental?

Vivemos numa sociedade que faz apologia aos objetos materiais e ao consumo desenfreado como indicadores de sucesso e progresso. Porém, chega um instante em que se alcança um limite entre as necessidades sempre crescentes e as possibilidades de saciá-las. Kalina e Kovadloff (1978, p. 44) fazem um trocadilho bastante interessante sobre a inversão das prioridades do mundo moderno: “Na verdade ninguém tem o que precisa

porque ninguém precisa do que realmente tem.” É outra forma de se referir ao passeio socrático.

Tudo vira objeto e, em se tornando objeto, tudo deve ser dominado pelo homem, inclusive a natureza e as pessoas. O domínio transforma-se em sentimento de poder a ser buscado incessantemente, como um adorno real que coroará o êxito. A competitividade é o pano de fundo aceito pacificamente, ou inconscientemente, pela sociedade e evidencia que o outro não pode ser convencido, mas dominado ou reduzido pela força. Esse padrão, com certeza, deixa muitas “almas penadas” pelo caminho.

A natureza, como dito antes, também passa a ser objeto de domínio na fantasia desse homem moderno – como se tal domínio fosse possível e sua tentativa não tivesse altos custos. A relação do homem com a natureza é similar à que o dependente mantém com seu corpo. Sem respeitar os sinais somáticos de finitude e limitação humana, o toxicômano agride o seu corpo, deteriorando-se em resposta a impulsos autodestrutivos. Essa mesma linha de ação o homem adota no que diz respeito à *Pachamama* – a relação não possui reciprocidade, é de mão única, não existe troca, somente espoliação. O meio ambiente passa a ser um enorme objeto de nosso desejo e apetite, uma maçã gigantesca, um grande seio materno, onde buscamos saciar nossa fome inesgotável.

Nesse contexto, as drogas assumem um papel sucedâneo desses ápices modernos. De alguma forma, o uso de substâncias psicoativas tem a função de neutralizar uma carência, diminuir a ansiedade, devolver a esperança, devolver a energia perdida ou a ilusão de tê-la encontrado novamente. O portfólio diversificado de drogas e substâncias tóxicas nada mais é que um recurso utilizado para dissimular um profundo desconforto existencial.

Em algum nível, a sociedade moderna e superindustrializada empurra o homem a fugir da intimidade, num extremo; e evitar a solidão no outro extremo. Ele fica perdido entre os dois pontos. Em qualquer das duas situações, fica totalmente exposta a sua distância dele mesmo. Nesse caso, a sua caricatura o esconde dele próprio. Com efeito, o homem moderno está alienado de si, dos seus semelhantes e da natureza. O vazio interior perdura e a fuga de, por acaso, se encontrar consigo mesmo em uma esquina da vida é cada

vez mais necessária para que esse modelo de sociedade sobreviva. O indivíduo, inconscientemente, sente a pressão e a ameaça de forças invisíveis do capital e do mercado.

Kalina e Kovadloff (1983) também defendem que existe uma tendência autodestrutiva na nossa cultura e isso reflete diretamente nos aspectos pessoais, na forma como o homem se relaciona consigo mesmo, com seu corpo e com o ecossistema – corroborando o afirmado anteriormente. Pode-se caracterizar tal tendência pela toxicomania, a poluição ambiental, a corrida armamentista, a superpopulação e a violência urbana, por exemplo. A existência tóxica – como os autores assim definiram essa tendência – implica em um projeto de morte, ou seja, viver suicidando-se. O sujeito não termina por se matar, mas termina de morrer.

A existência tóxica é viver uma vida contagiada e patológica. É um jeito que para sobreviver e passar pela vida, é necessário alimentar-se do que é destrutivo e do que, enfim, irá aniquilar a vida. Um paradoxo: a vida se alimenta do que, por fim, elimina a vida.

O consumo de substâncias psicoativas é uma confirmação da teoria da existência tóxica. A sua disseminação por todos os cantos do mundo contribui decisivamente para exercer seu papel nessa sociedade, cuja função primária é amortecer a ansiedade e esconder um comportamento suicida, em última instância.

A identidade fragilizada do dependente, disfarçada por uma auto-imagem heróica e onipotente, beirando a divindade, que pode transformar consideravelmente a sua relação com a morte. As overdoses, no extremo, são movimentos que servem a Tântatos¹. Aqui não se diferencia o adicto do suicida.

“Olhando para fora”, parece existir certa interdependência entre a toxicomania e os valores coletivos da sociedade contemporânea, cuja existência tóxica levanta a bandeira contra a existência consciente e saudável e faz apologia ao suicídio como objetivo último. Enfim, conforme disposto por Silveira Filho (1995, p. 10), “[...] o ato de drogar-se possui um sentido de denúncia dos aspectos hipócritas, patológicos e patogênicos, medíocres e estagnantes de nossa sociedade, que comprometem a individualidade do ser humano”.

¹ Morte. Vide próxima parte – Mito de Sísifo.

A tendência suicida da nossa sociedade somente iniciará seu declínio quando ceder espaço para o questionamento dos nossos conflitos como espécie humana e da nossa relação com o ecossistema.

3.3 - O Mito de Sísifo – Uma Metáfora Possível

Sísifo, rei de Corinto, o mais astuto e audaz dentre os mortais, segundo o mito relatado por Junito Brandão (1991, p.226), conseguiu escapar da morte por duas vezes.

A primeira foi quando Zeus raptou Egina, filha de Asopro (deus-rio), e ele (Sísifo) observou o ocorrido. Asopro buscou saber o que havia ocorrido com sua filha, porém ninguém estava disposto a lhe contar, por medo da retaliação de Zeus. Enquanto os outros mortais enxergaram a possibilidade da vingança do comandante do Olimpo, o esperto Sísifo viu uma ótima oportunidade para barganhar com o deus-rio: a cidade de Corinto não possuía, em seus perímetros, uma fonte de água doce para satisfazer as necessidades de seu povo – essa foi a exigência de Sísifo em troca da informação requerida por Asopro. Com essa “delação premiada”, Asopro reivindicou a Zeus a devolução de sua filha, o que aconteceu.

Zeus, que tudo sabia, furioso, acionou seu irmão Hades – senhor do inferno – o qual ordenou Tânatos (a morte) a trazer o delator. Sísifo, surpreendendo a expectativa de Tânatos e contrariando o comportamento natural dos vivos diante da morte, recebeu-a com hospitalidade e em poucos momentos estavam descontraidamente conversando, comendo e bebendo. Aproveitando-se do momento de relaxamento da morte, o matreiro Sísifo a enganou e conseguiu aprisioná-la – fato totalmente inusitado para um emissário dos deuses.

Essa situação colocou todos os mundos em desequilíbrio. Com a prisão de Tânatos, no mundo dos vivos o fluxo natural de renovação não acontecia, pois nada morria, nada findava. Nem as guerras faziam sentido, pois não se conseguia eliminar o inimigo. Por outro lado, o inferno não recebia almas e o seu senhor, Hades, estava insatisfeito e se queixou a Zeus.

Zeus chamou Ares para libertar a morte do cativo e, como sua primeira missão em liberdade, trazer a alma de Sísifo. E assim foi feito. Mas o matreiro rei de Corinto ainda tinha mais truques a apresentar.

Antes de morrer, Sísifo combinou com sua mulher para que seu corpo não fosse enterrado e nem lhe fossem prestados os rituais fúnebres exigidos pelos deuses. Chegando ao mundo dos mortos foi questionado severamente por Hades por tamanho desrespeito. Astuciosamente, Sísifo, culpou sua mulher por não ter seguido os rituais sagrados e, aproveitando a ocasião, pediu para voltar à terra a fim de fazer justiça e castigar sua esposa. E pela segunda vez o ladino Sísifo ludibriou a morte e brincou com os deuses.

Assim que chegou ao seu reino, foi como se não tivesse feito nenhum acordo com Hades e prosseguiu sua vida naturalmente. Mais uma vez Zeus interveio objetivando a ordem e destinou Hermes – aquele que tem trânsito livre em todos os mundos – para, juntamente com Tântatos, trazer em definitivo a alma de Sísifo. Hermes enterrou o corpo do rei de Corinto, realizou os rituais exigidos e voltou ao mundo dos mortos, enfim, levando a alma que foi resgatar.

No inferno, Sísifo foi alvo da fúria dos deuses. Sofreu a condenação de rolar uma pedra montanha a cima e, quando essa atingisse o pico, havia de deixá-la e rolar montanha abaixo, repetindo a tarefa *ad aeternum*.

Este mito mostra a dança dos arquétipos em torno de temas tais como a negação da morte, o ledo engano do humano em pensar que ludibria os deuses que habitam as camadas mais profundas do nosso íntimo e a vingança desses deuses quando insistimos em desrespeitá-los e renegar o nosso destino.

O castigo imputado a Sísifo pode ser utilizado como uma das metáforas que está por trás do véu que encobre o enigma da dependência química – comportamento repetitivo inercial em sem alcançar uma consciência crítica.

A saga do toxicômano, generalizando, segue os passos de Sísifo. Ignora os perigos do uso da substância psicoativa, acredita que pode enganar Tântatos e os deuses e revogar a qualquer momento o vagaroso ritual fúnebre ao qual deu início. Com o passar do tempo fica preso na sua compulsão, ‘empurrando pedra morro acima e a deixando descer, repetidamente’, pois quem não deixa algo de si morrer para dar espaço à manifestação dos deuses (inconsciente), fica preso na mais torpe limitação humana – a ‘inconsciência’ da consciência, sem possibilidade de experienciar sua única e legítima verdade: o chamado da sua alma.

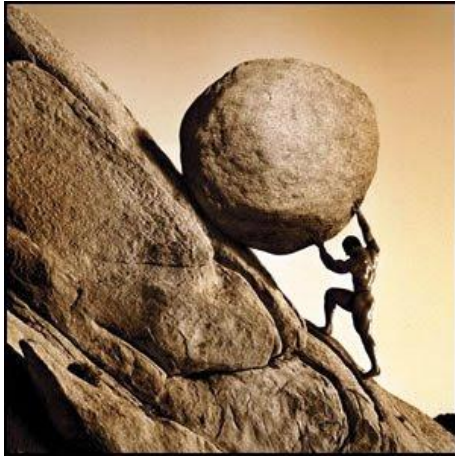


Figura 3 - O Castigo de Sísifo

3.4 - Olhando para Dentro

O dependente químico, em geral, é uma pessoa que não consegue conviver com a sua realidade e ao mesmo tempo não consegue modificá-la, portanto vive angustiada e insatisfeito sem conseguir solucionar o impasse.

Buscando por meio do uso de drogas alterar a percepção da sua realidade, o indivíduo acredita que seja esta a única possibilidade de ser feliz. Entretanto, o uso abusivo o aprisiona, impedindo-o de viver sem a droga.

Segundo Silveira Filho (1995):

[...] o dependente de drogas é um indivíduo para quem a droga passou a desempenhar um papel central na sua organização, na medida em que, através do prazer, ocupa lacunas importantes, tornando-se assim indispensável ao funcionamento psíquico daquele indivíduo (ou seja, um dependente, ao contrário do usuário, não pode prescindir da sua droga).

A *persona* é um fenômeno coletivo, utilizado pelo indivíduo para facilitar sua adaptação social, e que surge através das exigências externas, onde há a necessidade de aceitação e reconhecimento do indivíduo pelo grupo (para o dependente, essa adequação parece ter um custo muito alto ou não valer a pena, da maneira como lhe é imposta de forma institucional).

Por causa da adaptação ao coletivo surge um processo de repressão de potencialidades, sentimentos, desejos e tendências, estes conteúdos reprimidos depositam-se na sombra. Geralmente, as fantasias da sombra dizem respeito a sexo, dinheiro e poder.

Segundo Cavalcanti (1992):

A sombra é o eu negado, alijado, alienado, rejeitado pelos padrões da consciência; uma parte da personalidade não aceita e que se constitui no outro interno, incômodo dentro de cada um. O outro que também se é e não se deseja ser, o outro que é alienado do convívio consciente.

C. G. Jung, psiquiatra suíço, pesquisador da psique, embora não tratando diretamente do tema dependência química com seu vasto portfólio de substâncias que atualmente estão acessíveis (VON FRANZ, p. 323), desenvolveu e adaptou conceitos para a psicologia analítica que auxiliam a buscar outra forma de visão sobre a toxicomania – como já vimos acima os conceitos de *persona* e sombra.

Jung percebe o funcionamento do sistema psíquico como um sistema de auto-regulação, onde o símbolo e as imagens arquetípicas são fontes indispensáveis no processo de auto-regulação. É por meio da comunicação que o indivíduo estabelece entre ele, o outro e com ele mesmo que irá se deparar com estas imagens arquetípicas, tendo probabilidade de se desenvolver psiquicamente.

Jung (2000, p. 20 e 21) afirma que:

[...] Quando a vida, por algum motivo, toma uma direção unilateral, produz-se no inconsciente, por razões de auto-regulação do organismo, um acúmulo de todos aqueles fatores que na vida consciente não puderam ter suficiente voz nem vez. Disto resulta a teoria da compensação do inconsciente que eu elaborei em oposição à teoria da repressão. O inconsciente se comporta de modo complementar ao respectivo conteúdo consciente.

A partir dessa assertiva, conclui-se que o inconsciente é um reflexo complementar ou compensatório do mundo consciente.

No inconsciente pulsam potencialidades e aspectos sombrios, com núcleos arquetípicos, que buscam espaço para manifestação, principalmente quando não reconhecidos e negligenciados por predominância unilateral da consciência, agindo em desconformidade com o chamado *do Self*² (Si-mesmo). Por essa razão, quando esses conteúdos reprimidos ou não reconhecidos afloram espontaneamente à superfície, assumem formas perigosas e podem levar à destruição de um *status quo*.

Dependendo da fluidez do eixo Ego / *Self*, as reações às demandas da vida são mais funcionais ou não. No que tange à utilização de substâncias psicoativas pode-se buscar aprofundar o entendimento à luz da abordagem da psicologia analítica. Nesta visão constata-se que a adaptação (saúde psíquica) depende muito da relação entre os aspectos subjetivos e os objetivos.

A abordagem dada à dependência ou uso de substância psicoativa pela psicologia analítica é de um sintoma (e não a causa em si), em oposição a outras linhas e até a própria medicina.

Luizi Zoja (1992), analista junguiano, comenta em seu trabalho, dentre outras coisas, sobre a ausência de rituais de iniciação no mundo moderno. Mundo extrovertido este que valoriza por demais o objeto, ignorando as experiências simbólicas internas muito necessárias para o crescimento pessoal. De uma forma ou de outra, as pessoas precisam vivenciar o sagrado.

O toxicômano, inconscientemente, busca experienciar o divino, porém de uma forma desritualizada e sem mediação. Acaba sendo um reflexo da civilização moderna que sofre de um “raquitismo” de experiências arquetípicas (imagens) e profundas. É permitido pensar que, em algumas situações, a experiência com as drogas é um sucedâneo à experiência dionisíaca do divino. A vida pré-formatada pela qual estamos passando tem pouca alma. Por isso, ela exige essa alma de nós.

O humano não pode ter experiência direta com o arquétipo³, é prudente observá-lo de uma distância segura, senão fica nas mãos do Deus vivo – uma das qualidades dos

² Também conhecido como Si-mesmo na psicologia analítica, é o centro regulador da psique – aqui compreendida como a totalidade do consciente e inconsciente. O deus interno que todos carregamos.

³ Imagens primordiais, hereditárias, que habitam o inconsciente coletivo juntamente com os instintos.

arquétipos é a sua capacidade de se apossar do Ego, que é como estar sendo devorado pelos arquétipos ou identificado com eles. No âmbito psicológico, pode-se inferir que a dependência de substâncias psicoativas, em alguns casos, pode ser visto como uma qualidade arquetípica do Ego que quer se impor ao *Self* (Si-mesmo) ou fundir-se com ele.

Von Franz (2004, p. 324), citando Jung, faz a seguinte analogia ao uso de substâncias psicoativas:

Quando estamos excessivamente inconscientes, é grande alívio conhecer um pouco do inconsciente coletivo. Mas logo se torna perigoso conhecer mais, porque não aprendemos ao mesmo tempo como equilibrar isso através de um equivalente consciente [...]

Existem muitos aspectos internos que estão escondidos por traz da toxicomania. O adicto, muitas vezes, se torna uma caricatura do que vê ao seu redor – na sociedade e na família, que necessitam deste personagem (adicto) para manter seu equilíbrio. Alguém precisa carregar as mazelas negadas e reprimidas por todos e é esse papel que ele acaba desempenhando no mundo. Cabe-se dizer que, de certa forma, o adicto o aceita inconscientemente, pois ele precisa fazer parte desta sociedade, nem que seja dessa forma patológica (e denunciando uma sociedade doente). Como afirma Sanford (2007, p.75), “De fato, algumas pessoas parecem estar fadadas a viver a personalidade da sombra para o benefício do resto de nós.” É como se o uso abusivo de drogas o libertasse para viver a sua (e a nossa) própria vida obscura.

O consumo de drogas anuncia – não só para o adicto, como para o indivíduo que não usa drogas – uma reprovação das unilateralidades da nossa cultura e da sua pretensão de suprimir utilitariamente e racionalmente a primordial necessidade de renascimento. Jung foi assertivo nas seguintes colocações bastante atuais: “[...] não estou exagerando se comparar a consciência moderna com a psique de um homem que, tendo sofrido um abalo fatal, caiu em profunda insegurança” (2000, p. 155) ou ainda “[...] nos tornarmos altamente disciplinados, organizados e racionais, por um lado, mas o outro lado permaneceu um primitivo oprimido, excluído da educação e da cultura” (2000, p. 1008).

Parece bastante compreensível que algumas pessoas sejam incapazes de suportar o vazio intelectual e a desumanidade da nossa “incultura” tecnológica e venham a recorrer às drogas. Porém, se não for identificada a meta para a qual cada um de nós tende inconscientemente (o sentido teleológico, a missão), se não for capturada a necessidade subjacente de cada um, essa necessidade mais cedo ou mais tarde cobrará satisfações. E, então, para cada indivíduo, é chegada a hora de decidir se quer continuar mergulhado para sempre nessa inexpressividade – tal qual o castigo de Sísifo – ou passar por ela e avançar em direção à grande e única obra: o autoconhecimento objetivo. Mas a decisão da escolha não é fácil, pois o eu só possui livre-arbítrio (decisão) dentro dos limites da consciência (JUNG, 2000, p. 9).

Zoja (1992, p. 112) assevera que “

[...] na nossa sociedade o modelo iniciático não é mais suficiente para a compreensão do consumo de droga. Ele deve ser integrado no modelo consumista, nascido no espaço onde o sagrado cede ao profano, o ritual à obsessão, o arquétipo ao estereótipo.

Muitas vezes é declarado que viver sob a égide das drogas é um desejo de morrer aos poucos. Mesmo quando não está em questão a morte física do dependente, a morte psíquica está em movimento. Em muitos casos, o subterfúgio da droga é motivado pela falta de sentido da vida atual, sem cor, vegetativa, que o andar é autômato, inercial. Literalmente é sentida a morte rondando quando passa o efeito da substância, com efeito, das drogas pesadas – e principalmente na abstinência.

O toxicômano tem uma relação dicotômica com seu corpo – de prazer e dor. Pois o mesmo corpo que sente o prazer, vai se deteriorando lentamente, espelhando a inanição psíquica. A mutilação de parte do corpo, geralmente a utilizada para ingestão da substância, pode representar um ato punitivo, de autoflagelo, uma vingança contra sua própria incapacidade de lidar com a demanda interna.

O dependente parece buscar, por meio do uso da droga, momentos de transformação e de iniciação. Um dos mais significativos símbolos de transformação é a morte – que espreita permanentemente todo o movimento do adicto. De alguma maneira

ele alcança alguns momentos de transição quando sob efeito da substância, é uma experiência transcendente, porém, após o efeito, a sensação é de que a morte guarda e aguarda por sua alma. Enfim, é um ritual de transformação ao contrário: renascimento no momento inicial (êxtase); e morte no momento final. Totalmente oposto aos rituais de passagem em que algo tem que “morrer”, para então acontecer o renascimento. A morte psíquica provocada pelo adicto não traz renovação.

O modelo inconsciente que subjaz ao consumo de substâncias psicoativas tem um viés religioso, mas se mostra de fato por meio de impulsos predominantes regressivos – não como um avanço, mas como um retorno. É querer transcender a condição presente para alcançar algo divino, sem estar disposto à renúncia (“morrer antes”). Na verdade, é buscar o resgate de um bem-estar imaginado ou vivenciado nos estados irresponsáveis da primeira infância.

O dependente, invariavelmente, é alguém tomado e escravizado pelo símbolo⁴ e conseqüentemente paralisado para sua elaboração. A relação com o materno provoca, quase sempre, uma sensação de afastamento e de vazio. A imagem materna é, com efeito, carregada de conotação fálica e agressiva. Observa-se aqui o aspecto primordial da mãe não-humanizada. Com relação aos conteúdos que dizem respeito à imagem paterna, estes também são impactantes, paralisantes e carregados de agressividade.

É comum no núcleo familiar do drogado a existência de uma mãe simbiótica, ambígua, ao mesmo tempo superprotetora e abandonadora, bem como de um pai que negligencia seu papel, caracterizando-se como ausente ou impotente. Observa-se uma dificuldade na integração das imagens parentais que compulsoriamente deveriam servir de referenciais identificatórios.

No relacionamento com a mãe, a tendência é de mantê-la afastada, às vezes valendo-se mesmo de muita agressividade, pois a proximidade pode suscitar outra ausência ainda mais arcaica (arquetípica). O distanciamento diminui a possibilidade de dissociação e permite, juntamente com a droga, a preservação de um Ego, ainda que fragmentário.

⁴ Símbolo, para a psicologia analítica, é algo que por meio do qual algo se transforma, transmuta, transcende em outro algo diferente do estágio anterior. O símbolo nunca é por inteiro decodificado (i.e.: uma doença pode ser um símbolo).

As imagens, para o adicto, não sendo humanizadas (“traduzidas” subjetivamente), permanecem arquetípicas, divinizadas e onipotentes. Pode-se dizer que, em alguns casos, o dependente fica à deriva, entregue aos “ventos” do inconsciente coletivo⁵. À medida que rejeita e repudia a dimensão social normal, na qual poderia humanizar as imagens arquetípicas, o imaginário toma o lugar da realidade e é vivenciado pelo sujeito como assim o fosse (a própria realidade).

Silveira Filho (1995, p. 38) caracteriza esse aspecto da seguinte forma:

Este mundo onde se encontra o toxicômano configura-se tão arcaico e primitivo, que arremessa continuamente em uma vivência de angústia devastadora, assinalando a ameaça constante de dissolução. A droga surge então como alternativa para apaziguar esta turbulência interna, protegendo o Ego da inundação pelo seu mundo interno povoado destes personagens aterrorizantes. A ausência de uma lei, patriarcal ou matriarcal, torna este Ego fragilizado e suscetível à inundação arquetípica.

No que tange ao entrar na adolescência, principalmente pela escassez de rituais de passagem no mundo moderno, o adolescente necessita deixar a identidade infantil (mundo matriarcal), morrer para poder assumir a outra identidade que está iminente e é totalmente desconhecida (mundo patriarcal). Isso deixa essa fase particularmente difícil. Contra a exigência de eternidade que acompanha o papel heróico do púbere tem-se o princípio tanático. Como já vimos, os fracassos e frustrações são elementos estruturantes do amadurecimento. Porém, o apego à infância irresponsável e a angústia da morte inerente perante as perdas vivenciadas pode levar o indivíduo a buscar algo que o proteja desse sofrimento. Este algo pode ser a droga que, paradoxalmente, pode significar a morte. Não só na adolescência, mas o uso abusivo de substâncias psicoativas pode ser utilizado como um mecanismo de negação do sofrimento que acompanha a transformação e o desenvolvimento da personalidade.

A impossibilidade de sacrifício deste universo matriarcal, do acolhimento incondicional, do útero, pode ser símbolo central de certas condutas toxicomaníacas. Uma

⁵ Também conhecido como inconsciente suprapessoal, o inconsciente coletivo é onde estão arquivadas todas as características e potencialidades do ser humano, de forma atemporal, isto é, do que foi, é e será. É o DNA psíquico – o mundo dos arquétipos e dos instintos.

das missões do herói é a libertação do feminino, da sua submissão à mãe. Assim, em certos casos, a dependência química pode ser entendida como uma tentativa de retorno a este universo matriarcal arcaico. Quando se “opta” pelo mundo matriarcal, em contrapartida, renuncia-se ao seu oposto complementar – o universo patriarcal. A permanência ou a busca incessante do universo matriarcal pode deixar o sujeito a mercê do arquétipo da mãe devoradora – que impede o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

No caso do homem, esta situação é fortemente favorecedora de uma drogadicção, na medida em que a relação de dependência significa, ao mesmo tempo, o afastar-se da mãe pessoal e a permanência mergulhada no “líquido amniótico” do universo matriarcal.

Quanto à mulher, a farmacodependência pode representar tanto à necessidade de se desligar do universo matriarcal, quanto à necessidade de resgatar os aspectos femininos excessivamente desqualificados por ocasião do desenvolvimento de sua consciência patriarcal.

Selby Jr. (1986, p. 168), autor do romance que deu origem ao filme “Réquiem para um Sonho”, em uma parte do livro em que narra um período de escassez da droga na cidade, confunde-nos (ou esclarece-nos), no nosso raciocínio cartesiano, onde as questões são excludentes – ou estão fora ou estão dentro; ou de um lado ou de outro; ou em cima ou embaixo – e predomina o ‘ou’ em detrimento do ‘e’, pois observa que:

Os setores eram como cidades sitiadas, cercadas por um inimigo disposto a vencer pela fome, só que o inimigo estava dentro. Não apenas dentro dos limites das cidades, dos bairros, dos prédios abandonados e das portarias manchadas de mijo, mas dentro de cada corpo e de cada mente e, acima de tudo, de cada alma (grifo nosso).

Jung (2000, p. 180 e 181) afirmava que todos fazemos parte de uma mesma psique e que nada existe no mundo externo capaz de afastar-nos de nossa própria psique. Assim, todos estamos mergulhados em um mesmo líquido invisível que nos atravessa; sentimos e projetamos; somos sentidos e recebemos a projeção – tudo o que nos rodeia é, também, fruto da nossa interferência (num menor ou maior grau).

Por analogia, tomando emprestada uma das conclusões de Hermes Trismegistos, disposta na Tábua de Esmeralda na qual ele afirma, em grandes linhas, que o que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está embaixo, poderíamos afirmar que, no que tange a toxicomania, o que está dentro é como o que está fora e o que está fora é como o que está dentro.

A partir desse mergulho nas acepções teóricas e suas interpretações, pretendemos, a seguir, identificar esses conceitos no filme “Réquiem para um Sonho”.

CAPÍTULO III – A ANÁLISE DO FILME À LUZ DO QUADRO TEÓRICO

Com frequência o ser humano queixa-se de sentir angústia. Esse sentimento que nos acompanha desde o início dos tempos ganha outros nomes em algumas ocasiões, mas ainda que disfarçado, com outra roupagem ou denominação, dificilmente o ser humano consegue ver-se livre dele.

O filme sob análise nos remete à realidade de todos nós na medida em que uma característica marcante do ser humano é a tentativa constante de evitar a angústia – identificada como dor - e a busca incessante do prazer e da felicidade. Os caminhos percorridos por cada um para conquistar esse objetivo podem variar a depender do mundo interno de cada indivíduo.

Como já visto no Capítulo II o filme “Réquiem para um sonho” possui características cinematográficas próprias para seu tema, uma vez que apresenta, ao espectador, o mundo de forma desordenada – efeito provocado pela localização da câmera – reforçado pela trilha sonora – sons cortantes de um violino angustiado.

É neste contexto – um caos estrategicamente organizado – que encontramos três dramas:

- ✓ uma viúva solitária – Sara, presa a um programa de televisão que “promete” a felicidade por meio da visibilidade e do reconhecimento do público;
- ✓ um jovem sonhador – Harold, que acredita que como empreendedor do próprio negócio conquistará independência financeira; e

- ✓ uma jovem apaixonada – Marion, que emocionalmente oscila entre o amor do namorado e os sentimentos de mágoa e ressentimento em relação aos pais.

Os três personagens principais, cada um a seu modo, nos falam da busca por alguma coisa que lhes permita preencher o vazio existente em suas vidas.

Não menos importante que os três citados acima, o filme traz também um personagem, Tyrone (Ty), que tem os contatos no submundo e, juntamente com Harold, tenta atalhos na vida para melhorar status.

A sinopse apresentada comercialmente diz um pouco desta busca:

“Harry quer ser rico. Sua mãe quer que ele seja feliz e se case. Marion, sua namorada quer ter uma grife. Enquanto sonha, Harry se encontra com um amigo que tem sempre drogas à mão.

Sara sonha com uma vida mais colorida e menos solitária. Um dia o telefone toca e ela entende que está sendo chamada para aparecer no seu programa de televisão predileto. Por isso deve emagrecer tomando pílulas para perder o apetite.

Marion quer abrir sua loja e pede ajuda a Harry que esta traficando junto com um amigo. Rapidamente eles juntam um bom dinheiro e começam a se sentir invencíveis.

Sara também está mais magra e sente-se ótima em seu vestido vermelho.

Só que os quatro não estão livres para usufruir seus sonhos. Eles estão viciados e os sonhos de dinheiro, fama e sucesso sucumbem diante dos pesadelos distorcidos, da dor e da dependência.”

Sem armas para lutar contra a própria angústia, Sara elege a televisão como seu objeto transicional⁶. Buscando anestesiar suas dores, Sara passa a viver seus sonhos a partir do seu programa de TV favorito, em estado constante de contemplação como se estivesse diante de um altar ou diante de algo sagrado.

Buscando esconder de si e dos outros suas inseguranças, Sara sonha com o glamour televisivo acreditando que se conseguir emagrecer para usar o vestido vermelho será aceita e reconhecida por todos e em especial pelas amigas moradoras do mesmo prédio, as quais lhe permitirão ocupar “um lugar ao sol”.

O fluxo contínuo de imagens oferecido pela TV não permite que o telespectador pense. Dessa forma, o tempo passa e junto com ele a vida, sem que o indivíduo pense sobre si e em especial sobre sua realidade – a angústia.

Assim Sara alienou-se de seu mundo real e diante da possibilidade de fazer parte do mundo televisivo, Sara entregou-se ao desejo de visibilidade e não medindo esforços para alcançar seu objetivo deixou-se dominar pela anfetamina.

Diante desta personagem, não podemos deixar de pensar no sentido, no significado dado pelo sujeito, assim como no lugar ocupado pela “visibilidade no mundo” para este, uma vez que para tudo há um preço. Corroborando com o que vimos no capítulo anterior sobre os valores que significam felicidade em um mundo materialista e extrovertido.

Com a ausência do marido, Sara não conseguiu exercer qualquer autoridade sobre seu filho Harry tornando-se refém do comportamento deste: Harry, um jovem errante, vive a partir da realidade por ele criada. Mantém “sua verdade” com compulsão sempre perseguindo seu sonho de ser um homem bem sucedido – rico, e feliz. Os mesmos referenciais de sucesso neste mundo atual.

⁶ Expressão introduzida por D. W. Winnicott para designar um objeto material que possui um valor eletivo para o lactente e para a criança pequena, particularmente no momento do adormecer (por exemplo, a ponta do cobertor ou do lençol, um guardanapo para chupar). O recurso a objetos deste tipo é um fenômeno normal que permite a criança efetuar a transição entre a primeira relação oral com a mãe e a verdadeira relação de objeto. Esse objeto transicional conserva por muito tempo seu valor até o perder progressivamente; pode também reaparecer mais tarde, particularmente ao aproximar-se uma fase de depressão.

Na incapacidade de solucionar por si mesmos seus problemas internos, o sujeito busca fazê-lo por intermédio de objetos externos. Essa busca gera frustração e sofrimento.

Assim como Sara, Harry, Marion e TV elegem um objeto transicional – a droga, que lhe permita conviver com a sua realidade, com a frustração e o sofrimento. A busca do prazer na droga parece ser uma busca de prazer pelo caminho mais curto e pelo menor esforço.

Rosane Castilho (2007) nos lembra da importância das funções parentais na formação do sujeito:

A construção do sujeito, inexoravelmente, passa pela família. Desde a mais tenra infância o sujeito recebe, ao seu modo subjetivo, os cuidados da mãe da forma como ela pode oferecê-los: de maneira continente, afetuosa, intrusiva ou distante. Estes cuidados serão fundamentais na sua construção psíquica bem como nas estratégias a partir das quais vai buscar aquilo que lhe faltou (seja pela privação, seja pelo excesso). A função estruturante do pai também se faz presente ao interditar a relação fusional mãe-filho, encaminhando-o ao mundo da cultura, apresentando-lhe a lei e possibilitando a ele o encontro com sua autonomia.

Porém, saliente-se que não é possível ao adulto exigir da criança mudança de comportamento que ele próprio ainda não conseguiu modificar em si. Não podemos educar no sentido de formar a personalidade, se não estivermos com nossa personalidade formada em base consistente. A relação entre Harry e a mãe, Marion e os pais e a fantasia do Ty evidenciam como a variável ‘referenciais paternos’ é de suma importância no desenvolvimento na personalidade em formação.

A personalidade se desenvolve no decorrer da vida e as manifestações sombrias do inconsciente do adulto, estão presentes nas suas ações e em sua personalidade. Somente por suas ações é que o indivíduo se manifesta em seu verdadeiro “EU”.

A sombra pessoal desenvolve-se naturalmente em todos os indivíduos ainda quando criança. O desenvolvimento do ego vai gradativamente “escondendo” na sombra aquelas

características consideradas inadequadas no convívio social. A sombra pessoal contém potencialidades não desenvolvidas e não expressas. A título de exemplo podemos citar o “tino” comercial que pulsava no Harry, porém expressado de forma totalmente ilícita, moralmente falando.

Nesta época, o indivíduo começa a criar, com o auxílio da imaginação inventiva, aquilo que sente falta para compensar a perda vivida. Isso acontece devido ao fato de que a tristeza da perda é introvertida, voltando-se para dentro do próprio sujeito — o que aumenta a atividade imaginativa. Esse é um processo natural sempre que a vida encontra um obstáculo e a adaptação não ocorre, interrompe-se a transferência da energia psíquica para o mundo real, dando lugar a introversão.

A cultura também exerce grande influência psicológica no desenvolvimento da personalidade do indivíduo. As interdições que a sociedade imputa àqueles que fazem parte dela, assim como as obrigações por ela exigidas, podem causar distúrbios na formação do “ego”, desequilibrando-o por meio da negação dos aspectos sombrios, em prol de uma vida fantástica na qual só são encontrados os valores virtuosos. Nesse aspecto, todos os quatro personagens parecem contaminados em buscar atender às expectativas de sucesso do mundo moderno.

Os aspectos sombrios estão presentes nas mais diversas atividades sociais. Zweig e Abrams, ao abordarem o lado sombrio dos indivíduos manifestando-se na vida cotidiana, elencam os seguintes itens:

- a) Num impulso descontrolado para conhecer e dominar a natureza (que se expressa na imoralidade da ciência e na união desregrada entre os negócios e a tecnologia).
- b) Numa pretensiosa compulsão de ajudar e curar os outros (que se expressa na distorção e na co-dependência do papel dos profissionais da área de saúde e na cobiça de médicos e companhias farmacêuticas).
- c) No ritmo acelerado e desumanizado do mercado de trabalho (que se expressa na apatia de uma força de trabalho alienada, na obsolescência não-planejada, causada pela automação, e na arrogância do sucesso).

d) Na maximização do crescimento e expansão dos negócios (que se expressa nas aquisições fraudulentas de controle acionário, no enriquecimento ilícito, no uso privilegiado de informações confidenciais e no colapso do sistema de financiamento habitacional).

e) Num hedonismo materialista (que se expressa no consumo exacerbado, na propaganda enganosa, no desperdício e na poluição devastadora).

t) No desejo de controlar a nossa vida íntima, que é incontrolável por sua própria natureza (que se expressa no narcisismo generalizado, na exploração pessoal, na manipulação dos outros e no abuso de mulheres e crianças).

g) E no nosso incessante medo da morte (que se expressa na obsessão com a saúde e a forma física, dietas, medicamentos e longevidade a qualquer preço) (2011, p. 21-22).

Negar a presença desses aspectos sombrios não só faz com que eles cresçam e se adensem nas profundezas do inconsciente como também faz com que eles acionem outros mecanismos nocivos ao próprio indivíduo formando “uma trava inconsciente que frustra nossas melhores intenções” (2011, p. 24).

Sendo a sombra um elemento arquetípico que nos faz julgar o outro, ao ser negada, reprimida, reaparece na forma de auto julgamento, auto-censura, causando ataques e vingança no si-mesmo e como cada pessoa é um universo, cada qual reage de forma idiossincrática a sombra reprimida. Vejam nossos personagens – cada qual pensa buscar a felicidade a sua maneira, porém os aspectos sombrios inconscientes funcionam como uma “lente” compulsória subjetiva que os leva, cada um, por um caminho particular único.

Uma das formas que o indivíduo reage negativamente com a sombra reprimida é por meio da dependência química. Reconhecida como doença pela Organização Mundial de Saúde, cada vez mais a utilização de substância psicoativa tem sido a causa de um grande problema social. O indivíduo busca, no mundo das drogas, ora fugir da realidade que inclui todo o lado sombrio acima relatado ora justificar o acesso a tal lado, desenvolvendo aspectos extremamente negativos como: baixa-autoestima, insegurança, timidez, isolamento, pensamentos obsessivos, depressão, baixa criatividade e até mesmo

comportamentos perturbadores e violentos, entre outros. Todos esses aspectos podem ser observados, em menor ou maior grau, nos personagens do filme.

A sociedade busca promover o desenvolvimento de indivíduos dentro de um paradigma, seres que “aceitem” as regras que ela mesma impõe. Assim, outros paradigmas são instituídos para moldar as estruturas menores, como os núcleos familiares, os ligados ao trabalho etc., que por sua vez atuam inexoravelmente no indivíduo em si. Assim, pessoas como Sara, Harry, Marion, Ty que, por todas as variáveis colocadas no capítulo anterior (e mais algumas talvez) não conseguem se adaptar saudavelmente a normose, expõem inconscientemente a sobra coletiva do mundo em que vivemos.

Neste sentido, uma sociedade que reprime ou incentiva por demais seus aspectos sombrios irá gerar, grosso modo, famílias e, conseqüentemente, indivíduos com características similares.

No caso específico da influência da família no desenvolvimento da personalidade e seu relacionamento com o aspecto sombrio, Zweig e Abrams declaram que:

Cada um de nós tem uma herança psicológica que não é menos real que nossa herança biológica. Essa herança inclui um legado de sombra que nos é transmitido e que absorvemos no caldo psíquico do nosso ambiente familiar. Ali estamos expostos aos valores, temperamentos, hábitos e comportamentos dos nossos pais e irmãos. Com frequência, os problemas que nossos pais não conseguiram resolver em suas próprias vidas vêm alojar-se em nos sob a forma de disfunções nos padrões de socialização. (2011, p.69).

O indivíduo que vivencia a dependência química como negação, fuga ou ainda aproximação do lado sombrio da existência humana, dificilmente enxerga este processo como algo interno, responsabilizando o outro pelas experiências negativas que pode vir a ter, sendo esse outro identificado como um membro do núcleo familiar, do convívio social mais próximo ou até mesmo da sociedade como um todo. Harry quando estava roubando a TV (cena inicial) acusava a mãe de uma forma tão verdadeira que não tinha consciência nenhuma da coerência das assertivas (o complexo fala mais alto). Assim Marion também

fazia relação direta pela sua infelicidade com a “ausência” dos seus pais (ou da expectativa de como eles deveriam ser).

Contudo deve-se considerar que o pensamento, em seu desenvolvimento espontâneo tenha necessidade de desligar-se da realidade para construir um mundo próprio. Neste contexto, considerando a forte ligação da criança com a atitude psíquica dos pais é natural que os indivíduos apresentem perturbações originadas a partir de algo perturbado na atmosfera psíquica dos pais.

Considerando que o “EU” se forma e se fortalece durante a infância e a adolescência, é inegável a participação e influência dos pais no processo de individuação, uma vez que nestes períodos as relações são muito próximas. Dessa forma, não basta aos pais proferirem palavras boas e sábias, mas principalmente agir e viver de maneira boa e sábia, para que os filhos assimilem essa forma de viver. Isto se deve ao fato de que o estado psíquico da criança - em decorrência do estado de inconsciência em que se encontra - em geral se identifica com o inconsciente dos pais.

A adolescência é a fase da vida em que o indivíduo se dispõe a romper os laços que o prendem à família, para viver sua vida própria e independente, embora em seu íntimo, permaneça ligado à família por sentimento de saudade do calor parental. Nessa época, o indivíduo começa a criar, com o auxílio da imaginação inventiva, aquilo que sente falta, para compensar a perda vivida. Isso acontece devido ao fato de que a tristeza da perda é introvertida, voltando-se para dentro do próprio sujeito – o que aumenta a atividade imaginativa.

Este é um processo natural. Sempre que a vida encontra um obstáculo, e a adaptação não ocorre, interrompe a transferência da energia psíquica para o mundo real, dando lugar à introversão. Não obstante, há que se considerar que o pensamento, em seu desenvolvimento espontâneo, tem a necessidade de desligar-se da realidade para construir um mundo próprio. Observa-se essa questão nos pensamentos fantasiosos do Ty em relação ao colo materno.

Levando em conta que a falta de consciência é que origina a indiferenciação, as reações emocionais dos pais possuem força contagiante sobre os filhos visto que provêm

do fundo inconsciente daqueles. Quanto mais débil for a consciência do “EU”, menor será a força do indivíduo para se proteger da influência do estado psíquico de seus pais. No filme não fica clara a real situação da relação da Marion com seus pais, só é possível ter a visão dela, que poderia estar totalmente distorcida em relação pelo que está acima exposto.

A dificuldade nas relações familiares, os valores não preservados promovem no indivíduo que está em conflito consigo mesmo em decorrência da fase em que se encontra – a adolescência - sentimentos de insegurança e insatisfação. O mundo das drogas se apresenta então como uma “nova oportunidade” para ser feliz, já que na vida real felicidade é algo distante e difícil de alcançar.

A família é uma organização social ativa que responde aos estímulos e dificuldades do mundo que a cerca, dessa forma seus problemas têm origem na cultura existente. A resposta às pressões geradas pelo meio pode se apresentar de forma negativa e até violenta. É nesse momento que vários adolescentes acabam envolvendo-se com drogas e delitos das mais variadas espécies. A dificuldade verificada nas relações familiares também pode contribuir para esse quadro.

Não estamos elegendo a ausência de relações familiares saudáveis como a única variável responsável pela adição. Seria, no mínimo, reducionismo da nossa parte. Porém, sublinhamos esse aspecto como importante na vida dos personagens, pois fica evidente que houve, em algum momento uma “fratura” psicológica envolvendo questões familiares dos protagonistas.

Diante da dificuldade de relacionar-se com seus pais, Marion compensa a ausência afetiva dos pais com Harry. Assim como Harry, Marion acredita que a droga pode lhe dar “tudo” – inclusive felicidade.

Enquanto Harry que parece alienado da relação com seus pais, em seu sintoma – o uso de drogas –, sugere uma leitura sobre a insuficiência da figura paterna, Ty em pensamento retorna ao colo materno, lembrando-se das promessas feitas quando criança.

Ao que parece, para estes três personagens a ausência das figuras parentais ainda que de forma simbólica, gerou uma lacuna que foi preenchida pela droga. O uso de drogas em todos os três casos pode ser identificado como um sintoma da doença, que na verdade

se apresenta como uma tentativa inconsciente do sujeito de denunciar os conflitos existentes nas relações familiares, os quais desencadeiam vivências angustiantes para cada componente do núcleo familiar.

Quase ao final do filme, existe uma sequência emblemática de cenas nas quais Harold, Marion e Sara aparecem se encolhendo, buscando uma posição fetal. Simbolicamente, pode-se inferir, que os três personagens ao se depararem com as restrições do mundo, materializam pelas posições de seus corpos uma procura de uma situação confortável, pré-egoica, no útero materno.

A relação dos personagens com o mito de Sísifo salta aos olhos. Todos ignoram e desafiam a limitação humana, a finitude – a morte real, do corpo físico – e continuam, cada vez mais aumentando as doses do “doce veneno”. Inversamente proporcional a proximidade da morte física, fica a distância da morte simbólica que cada um dos quatro nega em sacrifício, que viria em favor do desenvolvimento da personalidade. Todos ficam escravos de deuses que habitam suas almas – que não aceitam a rejeição e exigem altar e devoção. Como castigo pela arrogância humana, eles padecem como autômatos, carregando seus corpos “morro acima e deixando cair”, para reiniciar a tarefa novamente. Tal como conta o mito. Tal como dançam os arquétipos no inconsciente coletivo.

CONCLUSÃO

Desde a escolha do filme achamos, primeiramente, que as cenas apresentadas sobre o tema adição eram muito pesadas. Após assisti-lo novamente – agora com um olhar de pesquisa – concluímos que ele realmente era mesmo muito pesado mesmo. Enfim, a escolha estava feita, o processo de construção do projeto deveria iniciar. Tínhamos uma meta, um desafio: elaborar algo significativo (pelo menos para nós) a partir de um olhar diferenciado do filme “Réquiem para um Sonho”.

Para iniciar os trabalhos e para não ficarmos somente com a nossa visão parcial (que fica na outra poltrona no *setting* terapêutico), levamos o filme a uma comunidade terapêutica (Centro de Integração) e voltamos a assisti-lo novamente – agora com a companhia dos internos.

Foi uma experiência rica, pois tivemos a oportunidade de ouvir depoimentos de como aquelas cenas “pesadas” de alguma forma eram comuns e corriqueiras no cotidiano das drogas – roubo, agressividade, ambição, incentivo à prostituição da parceira etc. O filme – compartilhado com esse outro olhar: do adicto que se vê também nas cenas – fez-nos pensar: são cenas pesadas ou a arte está mais uma vez imitando a vida – a dura realidade da vida?

As drogas sempre estiveram presentes no processo de desenvolvimento do ser humano e pelo visto sempre estarão. Aceitar tal presença é de fundamental importância, uma vez que o reconhecimento desse aspecto sombrio do ser humano nos faz refletir o porquê da necessidade da sociedade como um todo ter dentro do seu escopo substância

psicoativas lícitas e ilícitas, as quais servem em geral como válvula de escape do difícil exercício do convívio social, para que se desenvolvam mecanismos visando a diminuição do impacto negativo que o uso abusivo dessas substâncias causa no indivíduo e, num efeito dominó, nas estruturas da sociedade

Alcançar a plenitude existencial, chegar ao patamar mais alto da vida adulta com uma personalidade bem estruturada, constituir núcleo familiar sólido, equilibrado, psicologicamente maduro e fazer parte de uma sociedade justa, é o desejo não só de cada indivíduo, mas da sociedade como um todo.

A psicologia moderna, em especial a Psicologia Analítica, busca compreender os aspectos mais subjetivos da mente humana para que tal esse desejo se concretize para além do campo do imaginário, tornando-se realidade.

É importante ressaltar que devem ser consideradas as características pessoais/subjetivas dos indivíduos e cada ser humano deve ser visto como um universo particular, livre inclusive para se engendrar por caminhos que ora podem ser atalhos, ora desvios dentre os paradigmas instituídos na sociedade por força da cultura.

Trazer a luz os aspectos sombrios do ser humano parece ser um caminho importante a ser percorrido para enfrentar os mais profundos temores humanos, na medida em que este compreenda a importância de conhecer seus aspectos mais sombrios, utilizando-os como instrumentos de crescimento interior, assim como alimente as melhores esperanças de uma vida mais próxima de uma completude.

Olhar para esse arquétipo da sombra que paira em todas as culturas, estreitar essa visão para a questão da dependência química desvelados dos preconceitos, do lugar comum, por meio do portal da Psicologia Analítica, para buscar meios de amenizar os danos que as drogas causam onde e em quem elas tocam.

Vale ressaltar que no contexto deste trabalho a compreensão do termo “relação familiar” não se restringe apenas às relações dos pais com seus filhos e muito menos da mãe com seu rebento, mas atinge também as relações fraternais, assim como as conjugais. Como vimos a "sombra" é um arquétipo presente no inconsciente coletivo, isto é, se apresenta para todos sem distinção.

Estudar o reconhecimento desse aspecto natural do ser humano quebra o paradigma da dicotomia bem/mal. Desse modo, isto é, admitindo-se a existência dessa força como característica do indivíduo em sua essência, se restabelece a ordem primeva ideal para uma vida plena e equilibrada, na qual a parte completa o todo e o todo não se estabelece sem o reconhecimento da parte.

É necessário destacar a importância de observarmos o papel das relações familiares na formação da personalidade do indivíduo nas suas primeiras fases, em especial na adolescência, como método de compreensão dos processos do desenvolvimento da doença da dependência química.

Retomando a hipótese que norteou esse trabalho, de fato o uso da droga, a partir de um determinado momento da adição, passa a tomar um espaço intangível na vida do dependente – externa e internamente, em seus conflitos mais íntimos. Passa a ser um “sentido de vida”, pois na impossibilidade de lidar com as pressões sociais, que acabam por despertar os complexos mais escondidos, busca na droga um entorpecimento momentâneo, uma sensação agradável pré-egóica. Foge de uma realidade externa (e interna) e fica refém dos complexos que não tem espaço na consciência, não são integrados como partes naturais da psique.

Cabe a Psicologia Analítica fornecer mecanismos, para aqueles cujos questionamentos acerca dos processos de desenvolvimento e crescimento interior se façam mais apelativos, contribuindo, para a melhoria da qualidade de vida, não apenas desses indivíduos, mas, também, visando a melhoria da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARATANGY, L. R. *Doces Venenos*. Conversas e Desconversas sobre Drogas. São Paulo: Olho D'Água, 2010.

BRANDÃO, J.S. *Mitologia grega*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. v. 1.

CASTILHO, Rosane. *Réquiem para um sonho – entre a psicanálise e a cultura*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

CAVALCANTI, R. *O Mito de Narciso — O Herói da Consciência*. S. Paulo: Cultrix, 1992, p. 78.

DAHLKE, R. *A Doença como Símbolo – Pequena Enciclopédia de Psicossomática*. São Paulo: Cultrix, 1996.

FERES, Ana Luiza Iughetti. *O Mito de Sísifo e o Homem Contemporâneo*. Ribeirão Preto, 2011. Disponível em <http://sinte.com.br/holopedia/pdf/233.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2012.

FRANZ, Marie-Louise Von. *Psicoterapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

HILLMAN, J. *O Código do Ser*. Objetiva

JUNG, C. G. *AION – Estudos sobre o Simbolismo do Si-mesmo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Civilização em Transição*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ . *Aspectos do Drama Contemporâneo*. Vozes

_____. **O desenvolvimento da personalidade**. Trad. Frei Valdemar do Amaral. São Paulo : Círculo do Livro, 2011.

Disponível em: <<http://ebooksgratis.com.br/livros-ebooks-gratis/tecnicos-e-cientificos/psicologia/psicologia-carl-gustav-jung-o-desenvolvimento-da-personalidade/>> acesso em: 18.12.2011.

_____. *Tipos Psicológicos* . S. Paulo: Vozes, 1991, pp. 406, parágrafo 796

JUNG, E. *Animus e Anima*. Cultrix

KALINA, E. & KOVADLOFF, S. *As Cerimônias da Destruição*. Francisco Alves

_____. *As Ciladas da Cidade*. Editora Brasiliense

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.

OLIEVENSTEIN, Claude. *A Droga*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

PIERI, Paolo Francesco. *Dicionário Junguiano*. São Paulo: Paulus, 2002.

PINHEIRO, Maria Carolina Pedalino. *Marcas de um Anjo*. Editora Stortecchi. 2000.

SANFORD, J. A. *MAL – O Lado Sombrio da Realidade*. Paulus

SELBY JR. H. *Réquiem por um Sonho*. Rocco

SILVEIRA, D.X.F. *Drogas — uma Compreensão Psicodinâmica das Farmacodependências*. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, pp. 3-4.

ZOJA, L. *Nascer Não Basta*. Axis Mundi

ZWEIG, Connie e ABRAMS, Jeremiah (orgs.). **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. Trad. Merle Scoss. São Paulo : Cultrix, 2011.
Disponível em: < <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>> acesso em 18.12.2011.